

BULLYING: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM RELAÇÃO AOS GÊNEROS

Francis Keila Fernanda Nanci Grillo

Lizia Helena Nagel

As agressões entre crianças e adolescentes nas escolas sempre foi preocupação de pais e de professores, porém, somente em 1982, quando três crianças se suicidaram e a investigação realizada apontou a causa provável do suicídio - maus-tratos sofridos na escola – essa problemática começou a interessar um público maior. Os estudos a respeito do bullying iniciaram-se de uma maneira mais específica pelo professor Dan Olwe, que teve a iniciativa de investigar, no ambiente escolar, os problemas relativos à violência. O despertar de interesses mais sistematizados por esse problema se dá, portanto, a partir de 1980. (Fante, 2011). A questão da violência escolar assumiu proporções imensas, não somente no Brasil, como, também, no mundo, transformando-se, dessa forma, num problema globalizado, foco de atenção da mídia e de estudiosos. Nesse espectro, o tema *bullying* vem determinando diversos estudos e pesquisas que nos permitem constatar as dificuldades do sistema educacional em enfrentar as múltiplas dimensões desse fenômeno, sabendo-se que dentre esses obstáculos salienta-se a dificuldade para detectar os comportamentos aversivos que escapem ao olhar imediato. No Brasil, as pesquisas sobre violência escolar abrangem formas mais amplas do problema, não se detendo, particularmente sobre as características do *bullying*, ou como ele se apresenta nas escolas. Isso talvez, porque ainda se encontre disseminada a idéia de que o *bullying* faz, naturalmente, parte da vida escolar e que todas as crianças e os adolescentes deveriam passar por esse “ritual” para tornarem-se mais fortes frente às situações difíceis. No entanto, é necessário compreender que *bullying* é algo sério, que merece a atenção de pesquisadores, profissionais liberais, docentes, pais, principalmente pelos efeitos ou conseqüências que concretiza ao longo da vida. O presente trabalho procurou na literatura enriquecer e ampliar o conhecimento sobre o *bullying* entre as meninas. Em bibliografia variada, buscou-se conhecer os indicadores do *bullying* realizado pelo gênero feminino.

Lembra-se, aqui, que o *bullying* praticado pelas meninas converte-se em um tipo de violência com características particulares, sendo realizado a partir de

intimidações repetitivas, principalmente por imprecações verbais, por ameaças psicológicas, por atos variados de exclusão. Lembra-se, aqui, de Costantini:

Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física ou psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. (Costantini, 2004, p. 69).

No *bullying*, as vítimas são ridicularizadas, assediadas, socialmente rejeitadas, ameaçadas, caluniadas e atacadas. Isso pode ocorrer tanto pelo modo direto (sob forma verbal, física e/ou psicológica) como pelo modo indireto (também encaminhado pelos meios eletrônicos, *internet*, *facebook*, *orkut*). Esclarecendo, o *bullying* direto se apresentaria quando os ataques são desferidos diretamente na vítima por meio de apelidos, ofensas verbais, roubos, agressões físicas, sendo esta última forma a mais freqüente entre os meninos. O indireto/verbal e social se configuraria por meio da indiferença, isolamento, negação do outro, difamação através de fofocas, gestos e posturas depreciativas, estando estes comportamentos sob o predomínio das meninas (Lopes, 2005). Segundo Lisboa et, al. (2002), os meninos são mais agressivos que as meninas e envolvem-se com maior freqüência em conflitos diretos que utilizam força física. As meninas apresentam uma tendência a manifestar indiretamente a agressão, expressando sua hostilidade verbalmente. Interessante lembrar que, permeando o *bullying* direto, ou seja, o *bullying* físico, - que inclui ações como bater, dar tapas, empurrões, cotoveladas, chutar, empurrar com os ombros, beliscar, roubar, danificar pertences, cuspir, - pode-se encontrar uma violência ligada ao assédio sexual. Um *bully* pode, por exemplo, realizar ações como levantar a saia de uma menina, beliscar o traseiro de alguém, passar a mão nos seios de uma garota, puxar seu sutiã, etc. (Carpenter & Ferguson, 2011). Se as meninas sofrem física e psicologicamente pelo assédio sexual masculino, elas também sofrem nas mãos de outras meninas, ou de

outras *bullies*. Como vítimas ou como agressoras elas convivem, nas escolas, com, situações como as descritas abaixo:

Apelidos, sarcasmo, xingamentos, maledicência, comentários, bilhetes de ameaça, cochichos maldosos, rir dos outros, difamar, fazer fofocas, discriminar, humilhar, trotes telefônicos, piadas maldosas, apelidos pejorativos, inventar histórias no contexto sexual ou escrevê-las nas paredes dos banheiros da escola, ameaças, perseguir, estragar objetos, implicar com aspectos físicos, isolar, não prestar atenção, chantagear, são algumas das características do bullying verbal (Carpenter & Ferguson, 36- 37, 2011).

Por essa simples descrição do *bullying* verbal, já se pode entender como é difícil, para as escolas, detectarem a violência entre os estudantes. Determinados tipos de perseguição não são fáceis de observar e/ou de provar. Em muitos casos, a vítima não tem como provar que está sendo perseguida, o que torna mais difícil a superação desse problema. No silêncio, as meninas costumam conviver com situações como as lembradas por Carpenter e Ferguson:

Ouvir risadinhas enquanto anda pelo corredor da escola, perceber que todos se levantam e saem quando ela se senta a mesa do refeitório, isolar a vítima e convencer os outros a fazer o mesmo, espalhar mentiras para que ela os outros excluam ela do grupo, ignorar, manipular os colegas para que ela seja rejeitada pelos colegas, silêncio inesperado quando a vítima chega, inventar coisas, passar bilhetes pela classe, fazer caretas ou gestos obscenos para a vítima, rir, tirar sarro, falar mal pelas costas”.(Carpenter & Ferguson, 2011, p. 38- 39).

Impressionada com tal realidade, Rachel Simmons iniciou uma pesquisa sobre *bullying* feminino que culminou, de modo informal, no livro *Garota Fora de Jogo*, publicado em 2002 e disponível no ano de 2004. A autora admite que a cultura de opressão contra as mulheres faz com que expressem a raiva de forma velada e, muitas vezes, de maneira cruel. Ela própria afirma, na introdução de seu livro, ter sido uma vítima e, por não encontrar bibliografia sobre o assunto, enviou e-mail a todas as

mulheres que conhecia, com perguntas simples como "*Você já foi atormentada ou provocada por outra menina?*" Explique melhor. "*Que influência isso teve na sua vida até hoje?*". As destinatárias repassaram a mensagem para outras amigas e, em 24 horas, seu computador ficou repleto de respostas emocionadas e cheias de detalhes sobre a violência feminina. Isso a instigou a discutir o tema nas escolas. Quando obteve um farto material, aprofundou sua pesquisa em dez instituições de ensino de diferentes regiões dos EUA, entrevistando alunas, pais, professores e funcionários. Rachel também entrevistou cerca de 50 mulheres adultas de fora do circuito escolar. Concluiu que, em geral, as garotas não deixam rastros de violência, destruição e vandalismo. Sua agressividade é indireta, não-física, dissimulada. Normalmente preferem usar a maledicência, a exclusão, a fofoca, apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico às vítimas. Seus métodos são quase invisíveis ao olhar dos pais e dos professores mais atentos, já que as garotas dificilmente se metem em ruidosas rodas de briga. O mais comum é que elas atinjam suas vítimas espalhando boatos, passando bilhetinhos, disparando olhares coercivos, conspirando, jogando as colegas umas contra as outras. O trabalho de Rachel Simmons é mais importante porque, como diz Bandeira (2009), durante muito tempo os pesquisadores se detiveram em estudar apenas os meninos, pois consideravam que este fenômeno ocorria com muito mais frequência nos sujeitos do sexo masculino. Reconhecendo-se a diferença entre os tipos de *bullying*, a diferença entre atos dos *bullies* quando perpetrados pelo gênero masculino ou pelo gênero feminino, torna-se mais importante investir em pesquisas e estudos exploratórios sobre essa questão. Considerando que a prevenção da violência não pode ser encaminhada caso não sejam conhecidos os tipos de *bullying* que se apresentam nas escolas, torna-se importante investigar o comportamento das meninas no cotidiano das nossas instituições. Certos da dificuldade da tarefa, pretende-se aprofundar, futuramente, por entrevistas, por questionários específicos, os comportamentos violentos praticados pelo gênero feminino que não são visíveis de imediato aos olhos dos educadores, dos pais ou dos professores.

Referências

Bandeira, C.M. (2009). *Bullying: auto-estima e diferenças de gênero*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Beane, A.L (2011). *Proteja seu filho do bullying*. Trad: Débora Guimarães Isidoro. 2 ed. Rio de Janeiro.

Cantini, N.(2004). *Problematizando o bullying para a realidade brasileira*. Dissertação de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Psicologia do centro de ciências da vida. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil.

Carpenter, D & Ferguson, C. J. (2011). *Cuidado! Proteja seus filhos dos Bullies*. ed. Butterfly.

Costantini, A. (2004). *Bullying: como combatê-lo?* Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova.

Fante, C.(2005). *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas – SP: Verus.

Lopes, A. A.N.(2005). *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *J. Pediatría. (Rio J.)* [online]. 2005, vol.81, n.5, suppl., pp. 164-172. ISSN 0021-7557. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> > Acesso em 01 de abril de 2012.

Simmons, R (2004). *Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão entre meninas*. Rio de Janeiro: Rocco.